

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E IMAGEM

Entrevista - Transcrição

Data: 05 de dezembro de 2003

Entrevistada: Zenir Gomes da Silva

Entrevistadora: Pamela Moreira Lima

Legenda

ZS – Zenir Gomes da Silva

PL – Pamela Moreira Lima

FZ – Filha de Zenir Gomes da Silva

Todos – integrantes do grupo eu foram fazer a entrevista

TRANSCRIÇÃO

PL _Hoje é dia cinco de dezembro de 2003. Meu nome é Pamela Moreira Lima, eu sou a entrevistadora. Estou aqui do lado de dona Zenir Gomes da Silva, a quem prestará o seu depoimento sobre a história da sua vida aqui no bairro de São Lourenço de Niterói.

A finalidade desta entrevista é para o curso de história oral que estamos realizando agora no segundo semestre de 2003, ministrado pela professora Hebe, sobre a história do bairro de São Lourenço. Então nós estamos aqui para colher algumas informações para registro. Eu gostaria de pedir agora, dona Zenir, que a senhora pudesse falar o seu nome todo, quantos anos a senhora tem e aonde a senhora nasceu.

ZS_Bom, meu nome é Zenir Gomes da Silva, moradora aqui no bairro de São Lourenço a sessenta anos, que eu moro aqui. Vim para aqui garota, ai foi prorrogando..

PL_Mas, é... quantos anos a senhora tem?

ZS_Setenta e dois.

PL_ Setenta e dois. Então a senhora não nasceu aqui em São Lourenço?

ZS_ Não nasci aqui. Vim com doze anos.

PL_ A senhora nasceu aonde?

ZS_ Eu nasci aqui em Niterói mesmo, Icaraí.

PL_ Nasceu em Icaraí?

ZS_ É, bairro, bairro onde eu nasci(riso). Nasci lá , que minha mãe veio de Minas com uma família como babá. Chamavam ela de bá, como babá. E aqui ela teve quatro filhos, nessa casa que é na rua Gavião Peixoto, onde não existe a casa mais. Então a minha mãe, teve e meus quatro irmãos ali né¹. Aí ela morreu e me deixou com oito anos. Sete para oito anos assim mais ou menos, lá. E meu pai já tinha outra família que é essa que eu fiquei *de doze anos até agora pouco mesmo. Já casada e tudo.*

PL_ Deixa eu te perguntar uma coisa dona Zenir: você nasceu em Icaraí e morou lá em Icaraí quanto tempo?

ZS_ Ah onde minha mãe trabalhava, mamãe trabalhava lá e vivia lá. Era cozinheira da casa, que era uma pensão e lá eu nasci né. Nasci e até meus cinco ou seis anos carregava marmitta né. Ia para o Campo de São Bento, sabe como é. Mamãe nunca teve, é naquele tempo em que se fazia filho...

PL_ Você morava com sua mãe lá?

ZS_ É, criança é.

PL_ Você e seus irmãos?

ZS_ É

PL_ Ai de lá vocês vieram para cá para São Lourenço?

ZS_ *De lá ...* minha mãe morreu teve um problema de [inaudível]. De cozinhar na lenha, pega chuva, morreu de galopante. E papai tinha casa, parece com a minha madrasta. E eu estou aqui.

PL_ Você e seus irmãos?

ZS_ É.

PL_ E a sua madrasta?

¹ A entrevistada possui um vício de linguagem onde ela em geral termina as suas frases dizendo né. Também é muito usado o "aí" para iniciar outra frase ou concluir algo. Ambas as expressões perpassam por quais toda a entrevista.

ZS_ É

PL_ E o seu pai teve outros filhos com a sua madrasta?

ZS_ Nunca teve.

PL_ Nunca teve?

ZS_ Ela nunca teve, só nós mesmo. Só que não eram registrados no nome dele, pois se fazia e se deixava para lá. Hoje é obrigado né.

PL_ Então você mora aqui no bairro de São Lourenço ...

ZS_ Sessenta anos

PL_ Você tinha quantos anos de idade?

ZS_ Eu vim para aqui com oito anos, ia fazer oito anos.

PL_ E mora aqui desde os oito anos de idade?

ZS_ Desde os oito anos.

PL_ Fale um pouco da sua vida aqui no bairro

ZS_ Foi, que eu vim garota para cá e aqui fiquei. Quando fiz treze anos namorei um rapaz que era daqui também. Nascido aqui, nascido aqui né. Ai foi e casei com dezenove e To [inaudível]

PL_ Ah é.

ZS_ E tive a minha filha, tive minha filha, agora tenho a minha neta, tenho bisnetos. Essa minha madrasta criou uma afilhada. Ai ela com o papai compraram essa casa aqui e deixou para nós duas né. A casa é essa, ai puxou para á e puxou para lá. Isso aqui era quintal. Ai eu já contei né, cavou lá tirou isso, tirou aquilo.

PL_ Agente quer ouvir muito das suas histórias.

ZS_ É .

PL_ Mas a gente vai tentar seguir um pouco o ...

ZS_ Nós viemos para aqui, isso aqui não tinha nada disso. Isso aqui era pé de abacate, pé de goiaba, pé de cajá, tudo assim e a casinha assim né . Ela ficava assim. Isso aqui tudo foi feito depois. Aí começou a cavar na frente e fazer o muro, ai tinha cabeça de índio, era de índio né. Só podia ser né, porque aqui era lugar dos índios né. Ai cabeça, braço, antebraço, dentadura perfeita. Podre só a gengiva, agora os dentes perfeito. *Mas naquele tempo ninguém*, ... não tinha essas pesquisas de hoje em dia. Ai ficou por isso mesmo né. Porque a gente achava aqui as coisas né e ficava por isso, por isso mesmo.

PL_ Eu queria que você falasse pra gente os seus pais e dos seus avós.

ZS_ Minha avó nasceu em Sabaitiba e meu pai também.

PL_ Sabaitiba, fica aonde ?

ZS_ Eh, quem vai lá pra Friburgo, tudo passa por lá. Sabaitiba. A menina até falou que conhecia o bairro.

PL _Eh, Cachoeira de Macacú?

ZS_ É, deve ser esse lugar ai né, sei lá. Sabaitiba. E era roça fechada mesmo. Eu já grandinha fui lá e tinha onça. Eu não vi a onça. Mas papai conta que a onça vinha dentro de casa no tempo dele, no tempo dele e da minha avó né. Minha avó fazia parto no burro, né. Ia no burro fazer os parto naqueles matos lá. Não são daqui de São Lourenço não, são de Sabaitiba. Meu pai e minha avó meus irmão lá, os tios, tudo eram de lá né. Sabaitiba. Meu pai era de lá. Mas já morreu também.

PL _Ih. Que seus pais e que seus avós faziam? Morava Só a sua mãe e seu pai e ele tinha irmão?

ZS _ Não. Tinha irmãos morava na roça, viviam de roça. Minha vó fazia parto lá. Lá eles morava até que veio “paqui” pra Niterói né.

PL _ Ih. Era a sua mãe, o seu pai e quantos irmãos?

ZS _ E minha avó nem si mais por.. quantos irmãos tinha. Tinha uma turma de sobrinho. De irmão. Tudo para lá pra roça. Tudo na roça mesmo. Viviam lá.

PL _Então... mas quantos irmãos o seu pai tinha?

ZS _Ah,² uma vez que eu fui na roça lá, tinha uns dois lá. Mas bem, bem lá dentro do mato de facão. Papai levou uns peixes para ele. Ele passou os peixes no facão. Que ele gostava de cortar o mato com facão. Ai papai pegou e levou um facão para ele uns peixes. Fomos de trem, pegamo o trem aqui, ali onde tem o moinho. Pegamo o trem ali e fomo para lá com peixe cheio de gelo enrolado para chegar lá. Porque naquele tempo demorava. Aí fomo pra lá. Chegando lá, nós soltamos numa estação dum homem que tinha lá, Pedro Ernesto, que era fazendeiro. Soltamo lá, não tinha nada, lugar pra ce comprar nada. Uma fome danada, dinheiro, mas não tinha nada pra comprar.

Ahi esse primo dele veio, que o irmão já tinha morrido. Ai esse primo dele veio. É, que é filho do irmão, veio lá dentro do mato. O cabelo do ouvido dele vinha cá fora, menina.

² Pausa para conseguir lembrar

Cabeludo! Metia até medo, cabeludo. Aquele cabelo entrando por dentro do ouvido e saindo. Ele lá dentro do mato. Ai falou pra papai:

_Tiê, Tié.

Abraçou papai. Papai pegou e deu um facão grandão pra ele cortar mato, deu a ele. *Menina!* O homem sumiu, que até hoje. Não falou assim, oi, não. Deu assim que parecia um, um bicho a sumir por dentro do mato. Passou a mão naquele facão. O peixe ficou largado lá na coisa. E sumiu lá por dentro do mato de novo.

PL _Ele votou?

ZS _Não. Nós viemos embora pra Niterói. Viemos embora (riso). Nós viemos embora. Ele sumiu, não se despediu, não veio mais nada dali. Sumiu por lá.³ Papai tinha a cunhada dele que morreu com cem anos. Agora a pouco tempo. Morava em Niterói também, morava aqui em Niterói.

PL _Por que o seu pai veio de lá? Como é o nome da cidade? Saba...

ZS _Sabaitiba

PL _Sabaitiba, ah, por que ele quis vir pra Niterói?

ZS _⁴ Ah, você não sabe? Ah, mais quem mora na roça quer vir pra cidade.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

FZ _Oi , boa tarde.⁵

ZS _Essa aí é minha filha

Todos – Oi, boa tarde.⁶

ZS _⁷*A cidade* ... quem mora na roça que vir pra cidade, veio pra cidade. Veio pra cidade para progredir, vendia peixe na rua. Aqueles peixeiros na rua, vendia peixe. Tinha a minha mãe e tinha essa que deixou essa casa junto com ele. Compraram junto.

PL _ Ele vendia peixe aqui e Niterói, morava lá e trazia?

ZS _Não. Ele depois veio pra cá pra vender peixe aqui. Esse peixe que lê levava, ele já estava morando aqui. aqui mesmo.

PL _ Aqui nesta casa?

³ Neste momento a Pamela tenta introduzir uma nova pergunta, mas a entrevistada continua o seu relato.

⁴ Responde a pergunta falando junto com a Pamela. Ela fala junto com a Pamela, como irá ocorrer várias vezes no decorrer da entrevista.

⁵ A filha de dona Zenir, Zenaide, passa pelo local neste momento..

⁶ Responde Pamela aos cumprimentos de Zenaide.

ZS _Aqui, ele já estava aqui. ele ia lá levar peixe pra eles. Botava gelo e ia lá levar.

PL _ Foi quando ele veio para Niterói, a sua mãe já havia morrido então?

ZS _Já, a minha mãe já morreu. Me deixou, eu fiquei com oito anos. Foi pequenininha. Aí eu vim pra casa da madrasta que morava com ele, mas nunca teve filho. A vida daqui de Niterói, daqui, foi com minha madrasta.⁸

PL _ Com sua madrasta?

ZS _É com ela. A mãe vivia lá em Icaraí.

PL _ Então como é que seu pai conheceu a sua mãe? Como eles se conheceram, namoraram?

ZS _Ele conheceu a minha mãe, que ele era muito namorador. Dançava naquele clube Manacá. Que era tipo...

PL _ Como era o nome do clube?

ZS _Manacá, lá na rua São João.

PL _ Manacá?

ZS _Manacá, é, mais na rua São João, ali, como eu vou te explicar? Ah, agora ali tem tanta coisa, tem a rua de São João, passa o Jardim São João. *Ah, onde foi o Walter!* Aquele Walter que vendi negócio de cabelo na rua São João com a Visconde de Uruguai. Esse clube era ali, é.

P L_ Não conheço muito Niterói não.

ZS _É, rua São João, você conhece? Rua São João, Jardim São João, é perto do Jardim São João.

PL _ Não, conhece?⁹

ZS _É perto do Jardim de São João. Esse clube era ali. Sabe essas pessoas que vinham do Rio, todo mundo engomado. Era Gafieira fina. Ele vinha ali, no clube.

P L_ Ele morava lá em Sabaitiba?

Z S_ Não, já tava morando em Niterói.

P L_ Já tava morando em Niterói?

Z S_ Já tava morando em Niterói. Frequentava o clube ali. Ai ele conheceu, né.

PL _ Conheceu a sua mãe?

⁷ Responde a pergunta feita anteriormente.

⁸ Tanto a entrevistado quanto a entrevistada se referem a São Lourenço como Niterói, neste momento.

⁹ Se referindo a outras pessoas do grupo que foram auxiliar na entrevista.

ZS _É, conheceu a minha mãe. Que ela gostava muito de brincar carnaval. Naquele tempo, de rua.

PL _ Aí essa época a sua mãe morava em Icaraí?

ZS _Ela trabalhava lá e morava lá. Ela trabalha e mora. A casa ficava um quarteirão antes de chegar o Campo de São Bento. Era uma pensão. Ali ela trabalhava e morava. Então, quando ela ficou com pobrema de pulmão, que ela morreu de pulmão e tudo lá em Icaraí. Daí pra cá que nós partimo pra madrastra. Quando ela morreu ele falou: _ Meus filho agora não vão mais ficar aqui pra ser empregado daquela forma e morrer nas mãos de vocês não.

Cada uma delas era madrinha de um de nós. Que eu também não procurei mais. Elas moram em Icaraí, pra aqueles lados de lá. Mas não, não procurei mais. Então viemos pra madrastra, morar com ela, a minha madrastra.

PL _ E a família da sua mãe? É, tios, seus avós?

ZS _Da minha mãe verdadeira não teve família, porque ela veio com sete anos da roça de Minas.

PL _ Minas?

ZS _Com essa família

PL _ A cidade a senhora não sabe?

ZS _Não, não sei. Veio com essa família, sabe, com essa família ela ficou trabalhando, trabalhando. Teve nós, teve quatro filho.

PL _ Então a senhora não conheceu os seus avós maternos?

ZS _Não, só vi minha mãe que veio criança da roça. Da roça que eu digo, da roça, da casa deles.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

PL _ Tchau!¹⁰ Ela não contava?

ZS _Não porque eu fiquei pequena, com 7 ou 8 anos. Não sabe nada não.

PL _ Você não sabe se ela tinha irmãos, se a sua mãe tinha irmã?

ZS _Não sei nada. Porque veio só ela pra essa casa. Nunca foi parecido ning8uém. Lá ela ficou, lá ela morreu. Deixou a gente pequenininho, um irmão meu com 3 anos. Mas novo, 3, 5 e eu. Lá, dali, partimo pra cá.

¹⁰ Pamela se despedindo de Zenaide.

PL _ Então após a morte de sua mãe, você veio pra cá com seus irmãos, com seu pai e sua madrasta?

ZS _É, ela não tinha filho a acolheu nós três, ficamos como filho dela.

PL _ Qual é...

ZS _¹¹Foi uma mãe mesmo.

PL _Qual era a ocupação do seu pai nessa época e de sua madrasta?

ZS _Papai foi sempre peixeiro.

PL_Peixeiro?

ZS_ É peixeiro e vender ambulante. Tempo de maçã, vendia maçã, tempo de uva, vendia uva, é, ambulante na rua. Mas era peixe. Mas na época de fruta ele comprava aquelas caixas no Rio e trazia pra, pra vender, era assim.

PL _ E a sua madrasta ela fazia o que?

ZS _Ela lavava roupa pra fora. Lavava muita roupa pra fora. Naquele tempo era roça. Aqui nesse terreno da Igreja ali, tudo era mato e corda. As lavadeiras botavam as roupas ali. Saia daqui, ia botar roupa ali, a vizinha também botava. Todo mundo, o pessoal chegava aqui parecia uma favela, cheio de roupa. Todo mundo estendia roupa ali em cima, era assim.

PL _ E você tinha boa relação com a sua Madrasta, seus irmãos?

ZS _Ótima, ótima [emoção].Foi uma mãe, foi uma mãe que nós conhecemos. Tanto que compraram essa casa junto aqui. Ele falou:

_ Vamos botar em nome das duas filhas mulé, porque as duas mulé, naquele tempo, dos baratos. Bota no nome das duas porque amanhã depois casa, são infeliz, tem um canto pra morar. Aí elas vão fazer pra comer, porque se não tiver comida pra comer, café com pão e vai dormir. Mas tem um teto.

Porque antigamente o café era barato, ai um café com pão e vai dormir. Que hoje não tem mais nada disso. Então assim ficou pra mm e pra minha irmã a casa. Os irmãos cuidaram da vida deles. Moro um alí, depois mudou, foi lá para Caramujo, sabe como é? Foi ele que me aumentou

a família, teve onze filhos né, onze filhos. Tenho um montão de sobrinho, sobrinho bisneto, tudo da parte dele. Da minha só essa filha só. Da minha. E também quando o meu marido

¹¹ A entrevistada não registrou essa pergunta, prosseguindo no raciocínio iniciado anteriormente.

morreu, ela ficou pequena, nem deu tempo pra fazer muito também mais, né. (riso). Quando olhei também não deu mais tempo, né.(riso) Ai tive só ela.

PL _ Eu queria que a senhora pudesse, recuperar um pouco da sua memória quando criança, né. O que você fazia quando era criança, cê brincava muito em casa com seus irmãos e no bairro?

ZS _ Agente brincava ai na praça. Brincava ai nessa praça aí. Agente brincava de roda, marelinha, sabe, aquele negócio. Gu... aquele negócio de meu que, guru, essas brincadeiras de crianças ai na praça. Que era praça, não era praça, era um largo, isso tudo barro. Eu ali que brincava, a garotada toda brincava ai na praça. Todo mundo, agente brincava mesmo, tive infância, agente brincava de roda, brincava de tudo, queimado, tudo de criança, tudo de criança agente fazia ai nessa praça.

PL _ As outras crianças moradoras aqui do bairro, né?

ZS _ É do bairro, é. Já tudo casada né, já tem filho, já num sei o quê, né. Fizeram sessenta anos né. Agente era criança, ai depois veio o namoro e tal. Eu sempre aqui, nunca saí, né.

PL _ Mas você tinha muitas amigas aqui?

ZS _ Muitas amigas, aquelas meninas que morava na casa de frente, da que já morreu, né. Tinha a menina daqui que trabalhava na fábrica, já morreui, que era vizinha. O João também morreu, sabe? Agora mora aí uma viúva de um, *mas* ...casou com o velho a pouco tempo, nem morava por aqui, não sabe nada. Eles mesmo já morreram. Só ficou ela ali na casa. Quem mora mesmo aqui mesmo é aquela Mirinha, que também, deu entrevista é, as filhas também não moram mas aqui, moram lá no Barreto, tem casa de flor na no Barreto. Sabe, eu não sei as festas, tinha as festas junina, nas casas né. Dançava quadrilha, tinha isso tudo aqui.

PL _ Tá, conta um pouco pra gente, sobre alguma brincadeira em especial, alguma festa especial que a senhora lembra quando era criança, na festa junina, no carnaval. Como é que era?

ZS _ Ah, Carnaval aqui não tinha não, agente ia lá pra baixo, sabe. Ia pra baixo, umas duas vezes teve aqui nessa associação, não tinha, isso é novo, regalia. Mas a gente ia lá pra baixo, Jardim de São João, pro Rinque, pra lá né, não tinha Amaral Peixoto. Agente ia

direto pro Rinque e lá forrava colcha lá no Rinque e lá ficava sentada, brincando carnaval. As mães ficava sentada e as crianças brincando. Quando namorava, as mães dizia:

- Dá uma volta e vem aqui, dá uma volta e vem aqui.

Ai dava uma volta e ia ali. E não tinha nada desse negócio de refrigerante, nada. Fazia suco, botava nas garrafas e levava lá pra baixo. Pão com carne assada, com num sei o quê, era essas coisas. Tinha o bloco dos canibais, que era aqui em baixo né. Aqui em baixo tinha o bloco dos Canibais, agente descia pra ver os canibais. Saía(...) tinha aqueles índios, aquele negócio de índio, aquele negócio que agente ia lá pra baixo pra ver. Agente adorava ir, tudo criança. Adiantava tudo na véspera pra ir lá pra baixo, pra assistir. Ai tinha uma família que morava ali na Manuela Azari, levava lanche quando o bloco passava, pra dar lanche né, pro pessoal. Ou dá água pro pessoal beber, era assim

PL _ Esse bloco dos canibais, é ...?

ZS _ Era São Lourenço

PL _ Era dos moradores daqui de São Lourenço?

ZS _ É, era de São Lourenço. Mas já morreu os donos de broco, era muita gente, acho que não tem mais ninguém. Se pintavam todo de coisa no corpo, botavam argola no nariz, sabe, era bonita. Ai dez horas tinha uma feijoada, tudo mundo comia pra depois sair no broco. Ai o broco ia a pé ai por ai a baixo. Quando chegava lá na praça Araribóia nas barcas ai usava a espada, num sei o que. Ai vinha o broco dos chavantes de São Gonçalo, ai ali fazia todo aquele negócio de índio ali, só negócio de índio fazia ali .

E antes de mm, que papai que cansou de vir, não está ai pra contar, aquela casa grandona ali, era Filho da Matas, Coração de ouro, Filho das Mata. Era um negócio de índio que tinha aqui. Ia pela São Lourenço, ai pra baixo, tudo se encontrava num lugar só, lá no busto de Araribóia. Mas aí, eu já num... quando eu cresci, tinha o Coração de Ouro. Que morava Lourenço que era descendente desse, desse homem ai. Esse que ia lá com os índios aí , que, é...Ah meu Deus! Todo mundo falava até o nome dele. Que morreu a pouco tempo. Só vivia com os índios. Vocês que estudam aí lembram (risos). Ele convivia com os índios.

PL_ Morreu agora a pouco tempo?

ZS_ Tem muito tempo que ele morre, não. Ele conversava com os índios. Era amigo dos índios todo. Sabia as línguas dos índios toda. É, esqueci o nome dele agora... É, Rondon, Marechal Rondon.

PL_ Ah.

ZS_ Tinha parente dele que morava ali no Coração de Ouro, tinha sobrinho, neto. Tem pouco tempo eles moravam ahi. Mas também não sei mais que fim levou. Então foram esses descendentes que venderam 500 contos, sei lá, nem sei mais. Não se é 500, se é conto, se é réis, sei lá, vendeu. Quando um dos descendentes vivia muito e tal e ofereceram, e não tinham mais noção de nada. Aí vendeu. Deu pouco tempo apareceu um pessoal ahi. Ah porque nos disseram que, era aproveitado pra vender, mas vendeu. Ai vendeu. Aproveitou, não aproveitou, vendeu.

PL_ Você, Você estudou, foi pra escola?

ZS_ Estudei, estudei no Raul Vidal, no Raul Vidal antigo, naquele Raul Vidal na rua da praia. Você conhece aquele lá? Aquele Raul Vidal, quando fez aquele Raul Vidal alí, vou te contar, eu estudava na terceira série. Eu Fiz a terceira, quarta e quinta ali, naquele Raul Vidal. E no outro que estudei foi na Rua Visconde de Uruguai, o antigo. Aí, aquele prédio aí, foi inaugurado por Getúlio Vargas, Amaral Peixoto.

Naquele tempo o presidente andava na rua com a gente. Getúlio Vargas, Amaral Peixoto, Alzira Vargas, todo mundo aí na rua. Parada de 7 de setembro era na rua, Campo de São Bento e ali no Icaraí, no Cassino Icaraí. Que não é mais Cassino, Cassino era antigamente. É, UFF, ali, na praia de Icaraí, é ali.

PL_ Na reitoria ?

ZS_ É, na Reitoria. Então, aquilo ali era Cassino Icaraí. Vinha os artistas, tudo pra dançar ali. Agente ia vender amendoim. Faziam pra vender. Ali, garota, 10 anos, agente tudo ali vendendo amendoim. Ali, aquela farra![emoção] E presidente Getúlio Vargas, Amaral Peixoto, essa gente toda antiga andava na rua. Vinha na parada andando. Andando, hoje se vir matam aí. Vinha andando, minha filha. Juntava assim no meio do povo.

¹²Ai eu estudei no Raul Vidal, estudei no Pinto Lima, era São João que agora é, Pinto Lima ainda, estudei ai no Pinto Lima.

PL_ Estudou o seu primário no Raul Vidal?

ZS_ 1ª série, 2ª série Pinto Lima, 3ª, 4ª e 5ª no Raul Vidal, sabe?

PL_ E seus irmãos também estudavam ?

ZS_ Mesma coisa.

¹² Retorna ao assunto principal da pergunta anterior

PL_ Lá?

ZS_ Não, no Pinto Lima não, só no Raul Vidal

PL_ Só no Raul Vidal?

ZS_ Só no Raul Vidal, fizeram Jardim, era de Infância, que era o menor com 3 anos. Veio com 3 anos veio pra cá, estudou no Raul Vidal. Primeiro Jardim da Infância, antigo Raul Vidal, que tinha o Jardim e tinha o Colégio Primário. Depois ali(...), acabou ali e foi pra ali, pro Raul Vidal. Foi pra ali.

PL_ É, mas o que você lembra dessa época da escola, do que vocês brincavam, dos professores, dos diretores, da escola? Como é que era o clima? Como era o ambiente? Outras pessoas daqui de São Lourenço também estudavam lá com vocês?

ZS_ Algumas. Oh, lá no Pinto Lima tinha a diretora Dona Maria Felizberta. Ela era terrível, ela morreu velhinha. Ela botava o pé no portão, quando ela batia com o pé, todo mundo chegava a se mijar. Ela era terrível, a diretora. Ela saiu de lá a força, veio a aposentadoria dela e ela não queria nem sair. Cabeça branquinha, mas ela ficou até... era terrível, muito boa. A filha ainda é viva, mora lá em Icaraí. Mas também já está meia..., uns oitenta anos, a filha dela. Também foi regente lá, Dona Maria Lúcia, ela ainda tá viva ainda. É ela e a empregada. A empregada chegou lá com uns 20 anos, ela com 20, as duas tão com 80 junto. Patroa e empregada, as duas solteironas. É, lá na Rua Mem de Sá as duas, tão morando lá até hoje. E a diretora, Dona Maria Felizberta, era a diretora de lá.

E no Raul Vidal que foi agora mais recente depois do Pinto Lima, que foi 3ª, 4ª e 5ª, eu não lembro da diretora. Eu só lembro da minha professora *que foi...* eu tinha uma professora chamada Dona [Jalva]¹³. Que depois passou até a diretora de lá do Raul Vidal. E teve a professora da quinta série, que foi a Dona Jaira. 4ª série Dona Carmelita que também já morreu com uns 80, com a cabeça branquinha, sabe como é? Era tudo assim.

PL_ É. Você ia com seus irmãos, tinha algumas festas na escola?

ZS – Tinha. Agente ia, tinha festa junina, festa de colégio e participava. Ah!¹⁴ Eu participei de uma festa, eu devia ter uns doze anos no Caio Martins. Foi até no Caio Martins que o maestro Vila Lobos veio, e nós tiramos retrato com o maestro Vila Lobos. Como a gente tá falando em Vila Lobo, ele dava aula pra gente de canto orfeônico. Primeira voz, segunda voz... Aí ela ia com o pauzinho: tan tan taran tan tan.

¹³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Aí teve uma festa lá, que deu até negócios dos índios, sei lá o quê. Aí vesti uma roupa de índio, mas também oh, doze anos né. Nem me lembro mais, nuns dez ou onze anos, deu uma festa no Caio Martins que o mestre Vila Lobos veio, aí pode gravar por que isso aí foi verdadeiro mesmo. O mestre Vila Lobos veio (risos), agente estava lá na festa lá com ele, aí dançamos... Aí teve uma outra festa também, mas aí já não foi com ele não. Essa festa foi no Canto do Rio, um festão no Canto do Rio. Agente botamos roupa de ofio, naquele tempo, era roupa de fustão branca, ai eu dancei la l ala la laran laran.¹⁵ dançamos aquele negócio todo, agente tudo do colégio, no Canto do Rio, foi uma festa muito bonita, muito bonita. *E lá Amaral Peixoto e a Alzira Vargas, lá no Palácio do Ingá, então quando tinha festa, assim, festa de final de ano em dezembro, eles davam brinquedo bom, 3 metros de fazenda da boa, os meninos brim pra fazer chorte, boneca boa, dava até boneca de louça, eles davam! Davam muito lanche: sanduíches e refresco, davam muito essas coisas. Ela e o Amaral Peixoto, dava, muitas coisas.*

PL – O que o seu pai e suas madrasta falavam aqui da Igrejinha, como era aqui em São Lourenço, das festas que tinham aqui em São Lourenço, o dia de São Lourenço, o dia do aniversário da cidade, que é comemorado o dia de Araribóia?

ZS_ Ah¹⁶, a festa de São Lourenço no dia dez de agosto sempre teve festa, só que era festa precária. Aqueles coretos que faziam na hora. Fincavam um pau lá né, faziam aqueles coretozinhos que só né. Fazias as festinhas de São Lourenço, ai botava o São Lourenço que era o menor no altar do andar. Aí eles andavam por aqui pelas ruas de São Lourenço e tal, a procissão. De noite a festinha com os moradores daqui, o leilão, era assim.

E Araribóia sempre vinha autoridades né. Araribóia uma, São Lourenço é outra. Festa de São Lourenço é da Igreja, era procissão, era coreto na praça, missa, assim. E a festa de Araribóia *o prefeito...* sempre o prefeito que tava aí mandando, vinha né, dia de Araribóia, botava a coroa de flores lá no busto. Só que *o Araribóia nosso ...* esse Araribóia que está aqui na praça eras das barcas. Esse busto era das barcas e botaram aquele em pé lá nas barcas e trouxeram esse pra cá. Que em nosso tempo não tinha Araribóia, porque não tinha praça. Entendeu, não tinha a praça. Aí quando fizeram a praça, botaram o Araribóia

¹⁴ Fez menção de se recordar da festa

¹⁵ Referente ao “Danúbio Azul”

¹⁶ Faz pausa para se recordar.

na praça aqui e botaram aquele outro lá. Foi tempo do Emilio Bulama que era casado com Dona Conceição

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

Eu sei que botaram aquele lá e esse outro aqui. As festas era assim.

PL – Quando que construíram esta pracinha, foi em que época, você tinha quantos anos?

ZS_ Ah!¹⁷ Essa praça mesmo¹⁸... quando meu marido era vivo não tinha essa praça e ele tem quarenta anos de morto. Ele morreu novo, não tinha praça não, não sei se foi tempo de Valdemir, porque tinha uma praca ali, um negócio ali na porta, perto da Igreja. Então foi o seu Valdemir Souza, Doutor Valdemir Bragança, não tinha ônibus, não tinha nada. Foi tudo do tempo dele, Valdemir Bragança. Aí fizeram a praça mais ou menos, botaram uns bancos lá. Depois que fez mesmo o busto dele e tal. Só perguntando a Mirinha ali, esse pessoal que tem mais idéia. É porque eu não lembro não. Meu marido quando morreu não tinha praça, não tinha praça mesmo.

PL – Eh, seu marido morreu você tinha quantos anos?

ZS_ 31. 31 anos pra 32.

PL – Mas é ...qual é a presença que a igreja tem pra vida aqui das pessoas na comunidade?

ZS_ Aqui o pessoal daqui vão a missa aí nos domingo. Agora tem gente que vai até em missa lá embaixo. Quem não se dá bem aí, um com outro, é uma guerra danada aí. Então

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

Que dia de São Lourenço que é dia 10 de agosto todo mundo participa. Todo mundo colabora, que diz quem mora aqui que é do lugar, então esse dia não tem ninguém de fora. Eles vem mesmo. Que mesmo que estejam em outra igreja, eles trabalham, fazem salgadinho, voluntários, cozinham. Minha filha mesmo frequenta lá em baixo mas nesse dia ela entrega a São Lourenço. Os moradores. Aí quando chega a procissão esses moradores antigos ficam todo mundo chorando, pedindo a São Lourenço pra tomar conta das crianças desta praça, porque agora tem carro, tem tudo. Carro sobe, carro desce. Ai na de São Lourenço todo mundo vai a procissão. Os moradores todo.

PL – E na missa no dia 22 de novembro que é dia de Araribóia?

ZS_ Vão também, vão. Mas já tem uma política ai que diz que a missa de Araribóia é uma missa política. Eles fala, vem por que é por causa da política?

¹⁷ Faz pausa para se recordar

PL_ Eles quem?

ZS_ Os moradores falam que eles vêm as missas. as festas de Araribóia e as missas já veio Moreira Franco com a mulher, a esposa, a Celina., Valdemir Bragança com a esposa, João Gilberto, Moreira Franco, essa turma toda que Emilio Gulama tudo já freqüentaram Araribóia aqui em cima São Lourenço até que não vem não, Araribóia sempre eles vem agora esse ano num veio não.

[FINAL DA FITA 1 –A]

PL – Fala um pouco mais dos moradores, da participação deles aqui na missa, nas festas ?

ZS_ Não, domingo os moradores vão, vem daqui da Lundina daqui da São Lourenço. Daqui ! Eles vão a missa, mais num vai todos os moradores sabe? Vai alguns moradores e tem uns que vão até a missa lá em baixo em outras Igrejas, por que diz que a ... não é! Sabe como é que é? Tá numa igreja ai um fala uma coisa outra fala outra e começa aquela briguinha ali aquela fofuquinha ali ai vão a missa lá em baixo. Agora dia de São Lourenço e Araribóia eles vão lá em cima. Vão a missa aí

PL_ Entendi. Eu queria que a senhora falasse um pouco pra gente agora, sobre o que mudou aqui da sua casa e no próprio bairro de São Lourenço de quando você veio para cá que era criança, e já na sua fase mais assim adolescente adulta iniciando a sua fase adulta ?

ZS_ Ah a mudança foi que aqui era um tipo roça, não tinha carro não tinha nada, se ficasse doente a assistência era lá em baixo naquele larguinho sabe ? Dali volta que carro não cá pra cima que ia atola na lama era tudo barro, num vinha aqui em cima não tinha praça, num tinha nada, então mudança era mudança assim. Antigamente as crianças brincavam na praça, num tinha carro todo mundo aqui criava porco, galinha. Aqui em casa tinha onze porco a vizinha aqui tinha cinco, outro tinha quatro, soltava na praça os porco andando com as galinhas por ai a fora, então era nesse ponto era assim. Agora evoluiu mais, mais em compensação a gente fica preocupado que é ônibus é carro e num sei o que subindo descendo, a gente fica preocupado das crianças! É progresso né, veio o progresso, é assim.

O armazém daqui do lado que é seu Nelson, que não era ele era o tio primeiro, depois que veio ele, o armazém era tudo antigo cortava salame com falcão, o burro que ia

¹⁸ fica pensativa

buscar as compras no burro¹⁹ lá em baixo, que dizer melhorou nessa parte; e todo mundo também agora tem televisão, geladeira, microondas, forno, não sei o que sei que lá. Antigamente não cozinha na lenha, no carvão, ferro de carvão, que dizer que é um equilíbrio. É um equilíbrio.

PL_ Mais as pessoas continuavam a ficar, iam pra fora de suas casas ficavam conservando ali à noite ?

ZS_ Dia de natal que é uma beleza essa praça fica toda enfeitada dos morado todo mundo fazia rabanada, todo mundo criava porco e matava porco. Todo mundo ia na casa um do outro não tinha nada de intera. Eu ia na casa de fulano comia, bebia, fulano ia na minha comia, bebia, o outro ia na casa do outro comia, bebia. Fica todo mundo sentado na praça e via, e assim ia festejando natal ai fora na praça, tocava o sino da igreja sabe como é? Tocava o sino pedia pra São Lourenço pra olhar por nós, saúde, e o sino blan blan blan²⁰. Aquele sino antigo, grandão, tocavam aquele sino. Agora hoje não, hoje não, agora todo mundo viaja, casa em Iguaba, Cabo Frio, São Lourenço, sei lá aonde (riso).

PL_ E isso acontecia você já era adulta, você já tinha...?

ZS_ Até eu estar casada e até a pouco tempo ainda era assim, agora duns anos pra cá foi que mudou.

PL_ Desde quando você era criança...?

ZS_ É, foi toda a vida assim, todo mundo um na casa do outro, aí agora, nessa nova geração mudou. Agora um viaja, o outro viaja, num sei o que. Não é mais conforme era. E se alguém fizer alguma coisa agora, todo mundo tem que levar um prato. *É por que ...* é agora é assim, todo mundo tem que levar um prato. Naquele tempo não, fazia né, chegava, comia, bebia e ia embora, outro comia e bebia, era assim. *Hoje é ...* todo o lugar é assim. Todo o lugar agora é assim né. É no rico é no pobre, tudo é assim. Ninguém pode chegar só pra comer não. Agora acabou esse negócio.

Só que eu acho... que os vizinhos que eu tenho saudades são os antigos né. Os antigos que se foram que até hoje agente chora, porque era assim a nossa vida né. As crianças tudo descia junto lá pro Rinqe, lá pra Amaral Peixoto, *todo mundo com 10 ...* eu não tive que meu marido morreu e me deixou com uma. Mas todo mundo aqui tinha aquele montão de filho, 10 filho. Fazia aquele pão grandão enchia de carne assada. Todo mundo

¹⁹ As compras eram feitas em cima do burro

ia comendo por aí a baixo. Então eu sinto saudades disso [emoção], que agora não tem mais. Agora é, se vai na missa fica todo mundo falando, é fofoca, num sei o que. Mudou, a mudança é essa.

PL_ O que você lembra da sua época da sua adolescência pra fase adulta, dos namoros, dos rapazes, como você conheceu o seu marido?

ZS_ Dos namoro aqui, todo mundo casa com gente daqui. Quase todo mundo é casado com gente daqui mesmo, poucos não são, sabe. A maioria, tudo, é gente que *era daqui e ...* tem ali a vizinha ali, Conceição, o marido dela era daqui, tinha eu aqui, daqui. Tinha a Leda que casou com o Bonifácio que era daqui. Tinha.²¹... ih, a maioria casa tudo com gente daqui mesmo, a maioria, quase todo mundo.

PL_ Mas você conheceu o seu marido aqui?

ZS_ Aqui. Eu vim morar aqui ele já morava aqui, ela nasceu aqui eu que não nasci. Ele nasceu aqui, a mãe dele tudo é daqui. Nasceram aqui, tudo aqui. A família dele é tudo daqui, irmão, eu conheci os irmãos dele, as irmãs. Tem até uma viúva que mora lá no Barro Vermelho, deve estar com uns oitenta e pouco anos. Eles eram daqui, eu que não era, que vim já ...

PL_ E ele tinha irmãos?

ZS_ Tinha

PL_ E os irmãos ainda moram aqui hoje?

ZS_ Não, ninguém mora mais aqui. Mora todo mundo lá pra Niterói, mais lá pra Galo Branco, num sei pra onde. Nunca mais tive contato com eles não.

PL_ Ele foi seu colega de infância, então, de brincar?

ZS_ Não, de brincar não. Eu vim pra aqui ele já era maiorzinho do que eu. Ele é maior do que eu seis anos.

PL_ Ele é mais velho do que a senhora seis anos?

ZS_ Seis anos. Ele é de 25 e eu de 31, seis anos . Eu sou de 31 e ele de 25.

PL_ E que idade você tinha quando começou a namorar com...?,

ZS_ Treze anos, vinha desde de o colégio namorando (risos). E levava surra, porque naquele tempo o coro comia. É que eu ia namorar e vinha naquele jardim Aureliano Dirceu, ali,

²⁰ Som do sino da Igreja

²¹ Faz menção de se lembrar.

tinha um jardim ali, sentava no banco e esquecia da vida. perdia a hora de chegar em casa oh!²² Entrava no pau. *Conheci o meu marido com ...*, mas também casei com dezenove.

PL_ Era o seu pai que...?

ZS_ Ela que batia. Papai não batia em filho. Papai dava só um “trompasso”. Vamo dizendo, ah, tá brigando, num sei o que num sei que lá, sabe o liquidificador pan na cabeça. Numa hipótese, que não tinha liquidificador nesse tempo. Na hipótese, eu se tá aqui fizesse uma malcriação, ah num o que, jogava uma pedra que se eu não pulasse pra cá a pedra batia. É assim, ele não batia, ele só fazia. Uma vez eu falei, ah eu to enjoada de comer lingüiça, todo dia lingüiça, *ele agarrou ...* veio com a lingüiça, picou todinha jogou tudo dentro do vaso e deu descarga. Essas maluquices. É coça assim nunca deu não. Agora ela dava, era muito boa, foi uma madrasta muito boa. Era a correia pendurada, era buscar e apanhar agente ia. Ia apanhar a correia e trazia pra apanhar. Mas era muito boa, foi uma santa. Deixou minha filha com seis anos, foi uma santa, foi muito boa.

PL_ Eles morreram de que, o seu pai e a sua madrasta?

ZS_ Papai morreu com quase cem anos, papai morreu agora a pouco tempo menina.

PL_ Já com idade né?

ZS_ É, papai morreu com 98 anos, papai foi da escravidão, papai nasceu na escravidão, *quando a escravidão...*, ele ainda nasceu na escravidão, nasceu *nessa lei que num ...* que nascesse naquela lei em diante não era mais escravo, aquela lei que num.

PL_ Lei do Ventre Livre.

ZS_ Minha avó foi mucama, minha avó foi mucama mesmo.

PL_ A mãe do seu pai?

ZS_ A mãe do meu pai, conheci muito ela, morreu com cem anos.

PL_ Fala um pouquinho dela e do seu pai?

ZS_ Minha avó morreu com quase cem anos, minha avó. Eu já fiquei já mocinha quando minha avó morreu, já grandinha. Minha avó. Mas ela não nasceu aqui, morou em Niterói, tudo aqui, mas não nasceu aqui. E tinha quintal na casa, ela não ficava dentro de casa, a minha avó. *Ela ficava ...* quando chovia a gente ia no quintal pra trazer para dentro de casa. Quando a chuva passava ela voltava, fazia cabana, era caduquice né, ela fazia cabana e ficava dentro da cabana. A carne dela chegava a rasgar de tão velha que ela tava. Não

²² Faz sinal de que apanhar com as mãos.

comia comida da panela da gente não, comia na panela de ferro, panela de ferro, ela cozinhava na panela de ferro aquelas comidas e comia. A moda antiga né, ela fazia aquelas cabana com folha de bananeira e de coqueiro, fazia comida na panela de ferro no quintal na lenha e comia. Mas não comia a nossa comida de casa.

PL_ A senhora disse que sua avó, mãe do seu pai era mucama?

ZS_ Foi mucama

PL_ Então aonde que ela trabalhava?

ZS_ Mas aí não foi no meu tempo, foi na escravidão, foi na escravidão. Ela que dizia que era mucama, mas nunca foi pro tronco.

PL_ O que ela contava pra vocês dessas histórias de ...?

ZS_ Ela contava tudo, ela contava que foi mucama, que teve escravo que nunca entrou na Casa Grande, nem nunca olhou lá pra dentro, que se olhasse ia pro tronco. Ela vivia lá porque dizia que era bonita, o senhor, o senhozinho achava ela bonita, ela ficava lá dentro, cuidando só de dentro. Mas tem muito escravo que não entrou lá. Essas histórias que contam aí são tudo verdadeira. Ela falava pra gente, que aquelas mulatas bonitas primeiro passavam pela mão do senhor. *E quando tinha filhos deles...*, que já eram mulatas e com filho deles, a criança nascia branca, nascia lá dentro da Senzala. Então elas escondia um tempão lá dentro que era pra não verem que era branco né. O dia que descobriram não ficava lá dentro mais. Vinha cá pra casa grande, sabe como é, ahi na Casa Grande elas serviam mesa, serviam a sinhazinha, saia com a sinhazina, tinha regalia. Sabia que era filha do homem, *mas ...* era assim que ela falava.

Ahi ela disse que uma vez até contou que tinha uma mulata muito bonita, que foi levar uma bandeja, num sei que lá, na sala. Ahi chegou lá estava a sinhazinha com o namorado. Ahi pegou e disse que ela deu um sorriso e com uns dentes lindos. Ahi disse que o rapaz ficou louco, o namorado da sinhazinha ficou doido. E perguntou pro sogro né, que mulata linda, que num o que, ficou doido. A filha escutou, mandaram arrancar os dentes da menina todo, disse que ficou banguela sem dente nenhum, sem dente nenhum. Quando o rapaz chegou e procurou, cadê? Cadê? Cadê? Nem pareceu mais. Minha avó contava e disse que era barbaridades, barbaridades. E dormiam tudo em panos e palha, disse que era bicho mesmo. Tinha filho ali mesmo, sabe como é. Ela não, tanto que ela mostrava o corpo dela, não tinha marca de pancada de nada. Porque ela disse que era mucama. Ela virou eu

era bonita mesmo então eu ficava lá dentro da Casa Grande com a regalia. Devia ter servido o senhor também, ficava lá dentro, na regalia lá dentro.

Agora os escravos sofriam, mas também disse que eles faziam também poucas e boas. Que podiam aprontar eles aprontavam também.

PL_O que eles aprontavam que ela falava?

ZS_Ela disse que, por exemplo, a sinhazinha se saísse e se namorava escondido, elas apontavam, contavam que havia encontrado em tal lugar, deixava ir. Ahi depois que elas iam lá pra aquele jardim, aqueles lugar lá tudo que eles ficavam lá dentro daquele jardim namorando, ahi elas contava, ahi o homem ia lá, o pai pegava, pegava, botava de castigo. Mas também eles faziam isso, essas coisas.

PL_Isso aqui em Niterói que ela foi...?

ZS_O quê?

PL_ Na época do trabalho

ZS_Num sei, eles nasceram em Sabaitiba, não sei se tinha senzala por Sabaitiba, eu sei que meu pai nasceu lá e minha avó nasceu lá. Quando era tudo sertão, mato, como até a ai em São Gonçalo na, ali perto da Vila Maricá, por ali, tudo ali foi fazenda de escravo. Minha avó falava que tinha capela, tinha missa, tinha tudo ali. Tinha perto e na fazenda lá. Deve ser por lá mesmo. Que a minha avó era daqui mesmo.

PL_Mas quando... assim, no fim da escravidão, assim, da abolição?

ZS_Teve muito sofrimento, minha avó falou que teve muito sofrimento, porque sofrimento, porque todo mundo vivia socando café no mato, aquele negócio todo. Ahi falavam que não tinha mais escravidão, mas só que eles viviam fora de tudo, de comunicação e não sabiam de nada. E ficaram um tempão ainda trabalhando ali sem saber que não era mais escravo, trabalhando na fazenda, *então...* e falavam que muitas fazendas que os escravos souberam que tinha acabado a escravidão, ahi queriam sair da fazenda e ir embora. Ahi os fazendeiros lá deixava vir, mas é que saiam desembestado pela estrada. Não conheciam nada, não sabiam de nada, não tinha nada, então morriam muito no caminho. Saia pelo mato a dentro, que nem um louco, que era liberto, mas só que não tinha noção. Devia ser burro mesmo!(risos) Devia ser que minha avó falou que era assim: a fazenda de grão era como se fosse daqui as barcas. Tudo aqui era fazenda, eles estavam aqui trabalhando, um capataz vigiando. O capataz saia daqui e ia lá pros lados do Canto do Rio, pra aqueles buraco todo,

andando e eles ficavam aqui. Tinha medo, não parava de trabalhar, que tinha medo. O homem lá longe. Marcava tarefa e tinha que fazer. Se vê, hoje tem isso?! Se passam polícia, matam tudo, não tem medo de nada. Eles tinham medo do capataz, tinha medo oh: Vou sair e vou em tal lugar e vocês vão fazer isso, essa tarefa. E eles faziam mesmo. E esses que fugiram, fugiram não, que quis liberdade, *foi obrigado...* que veio o decreto teve que da. Mas morreram pelo caminho porque não conhecia nada, viviam só na fazenda dia e noite trabalhando. Quer dizer, quando pegou a liberdade, morreram pelo caminho.

PL_E o que a sua avó fez depois que ficou liberta?

ZS_Ah, minha avó deve ter vindo pra cá. Pra Niterói, ela deve ter vindo aqui para Niterói, porque ela morreu em Niterói. Eu conheci a minha avó já aqui em Niterói já, minha avó devia ter uns cinquenta e poucos anos já. Ainda era durinha, pra mm nem tinha idade quando eu nasci já conheci minha avó que foi escrava.

PL_E o seu pai, seu pai estudou?

ZS-Não. Não sabia nada. O nome dele era Sirilo, um a paciência para escrever Sirilo ele ficava uma hora. Siiiiiiiiiiiiiiiiiiii, dois eles (LL)(risos). Ia lá em cima e voltava. Quando comprou essa casa aqui para assinar a escritura, ficou toda a vida com uma folha de caderno, encheu a folha Siiiiiiii (risos). Minha avó era analfabeta ,meu pai era analfabeto. Minha mãe, que veio de criança lá de Minas pra essa casa lá em Icaraí, era analfabeta. Tudo era analfabeto, só que estudei que minha madrastra botou pra estudar, a madrastra que botou para estudar. Papai dizia : pra que estudar? Pra que caderno, papai não dava caderno, pra que caderno? Ai falava Castro Alves, Rui Barbosa, esses fundamentos todos. E ninguém tinha caderno, foram os grandes aí. O papel de enrolar o pão, toma o papel do pão e escreve ta muito bão. (riso). Mas ela não, ela lavava pra fora e dava dinheiro pra comprar caderno, ela que dava. Por isso que eu digo que ela foi uma Santa. Ele que era o pai e ela que dava.

Natal agente botava roupinha de Natal nova, não como hoje, roupa. Fazendinha estampadinha, tênis, mas botava novo. Ele não ligava não, mas ela ligava.

PL_ Você disse que você se casou com o seu marido você tinha dezenove anos.

ZS_Dezenove anos.

PL_ Vocês namoraram então dos treze aos dezenove anos?

ZS_É , seis anos.

PL_E quando vocês se casaram, continuaram morando nessa casa, morando na casa dele?

ZS_Morando aqui, Morando aqui aqui. Todo mundo aqui, ta tudo aqui. tem uma casa lá embaixo, aqui, tem uma meia água lá embaixo. Tudo por aqui mesmo. Acabou o quintal. Aqui mora uma sobrinha minha que o menino faz comunhão, que é bisneto sobrinho, me chama de bisa, faz comunhão. Mora aqui, aqui minha filha. Ta todo mundo enfiado aqui. só quem não mora aqui é minha neta. Casou e saiu daqui.

PL_ Na época em que você se casou, só moravam aqui você e seu marido?

ZS_Não. Continuou a minha madrasta. Ela morreu aqui.

PL_ Você seu marido e sua madrasta?

ZS_É e papai, todo mundo aqui.

PL_ Seu papai. seus Irmãos também?

ZS_ Todo mundo aqui. Eles saíram casados daqui e foram morar em outro lugar. Um morreu solteiro. O outro casou, morou aqui depois foi morar no Caramujo. O outro irmão meu. Agora a minha irmã que a casa é minha e dela, que agora foram pros filhos que mora um aqui e outro que não mora. Que mora aqui, está direto aqui.

PL_ Hoje quem mora aqui é a senhora...?

ZS_É eu que moro aqui sozinha, que o marido morreu, minha filha mora aqui no meio. Ali do lado mora a minha sobrinha, que é filha da minha irmã que morreu, que mora aqui. *O outro mora...*, ela teve 2 filhos, um casal de filho. *O filho teve ...* o filho tem esses dois filhos, só que uma não mora aqui, só o filho que mora, sabe como é. Ele mora aqui. tem a ex-mulher dele que mora aqui, lá trás. A ex-mulher dele, já estão 20 anos separados e as crianças ficaram aqui comigo, morando.

PL_ E o seu marido, ele fazia o que?

ZS_ Trabalhava na Prefeitura. Era muito inteligente, mas a bebida acabou com ele, morreu de cirrose. Tava lá na prefeitura, na divisão de obras. E o contra-cheque é lindo, pa pa pa pa pa pá. Mas o dinheiro que é pouco. Trabalhava na prefeitura. *É o dinheiro que é pouco, no contra-cheque é lindo*: num sei o que da administração, num sei o que tal tal tal. Ele trabalhava na prefeitura de Niterói, velha, sabe, trabalhava lá. E trabalhava na seção de protocolo, *fazia ...* trabalhava com engenheiro. Aprendeu fazer pranta de casa, tem muita casa ai que ele desenhou. *Mas morreu com 36 anos, 36 anos, cirrose, bebida*. Naquele tempo botava o paletó na cadeira, cadê o fulano, ta no café, mais esse café não tinha fim né.

Tudo ali no Municipal. Bebe, bebe, bebe, a cirrose pegou ele e oh, foi embora, 36 anos. Deixou minha filha.

PL_ Filha única?

ZS_ Filha única. Eu tenho uma filha única e uma neta única, tudo nascida aqui.

PL_ Quantos anos tem a sua filha hoje?

ZS_ 52.

PL_ Ela não mora mais aqui?

ZS_ Mora..

PL_ Aqui na frente?

ZS_ É aquela que saiu. A neta é que não mora, neta legítima. Eu tenho cinco bisneto. Só que o meu neto legítimo, da minha neta legítima mora em Icaraí.

PL_ Então pêra aí, explica um pouquinho isso aí?

ZS_ Ah, isso é complicado, eu tenho 5...

PL_ Você tem uma filha?

ZS_ Tenho uma filha, uma neta e um bisneto legítimo. Da minha filha. Da minha irmã, que é minha irmã de criação, papai pegou ela pelo juiz com a minha madrasta e criaram, era como irmã mesma. Ela teve um casal: Sérgio e Sônia. Só que Sônia casou e mora em Santa Rosa, Sérgio casou e ficou morando aqui, *quando as crianças fizeram...* a menina fez 8 anos e o menino fez 11 separou. A ex-mulher continuou morando aqui, ai atrás, a ex-mulher. Ele mora em Santa Rosa com outra a 20 anos. Tem muitos anos separado, ta divorciado, disquitado, é tudo. Agora ta entendendo?

PL_ To.

ZS_ Ele mora fora com outra mulher há 20 anos. E a ex-mulher mora aqui, a filha mora aqui, sabe como é, com o irmão. O irmão também se separou, voltou pra cá. O irmão, que é Sérgio. O pai é Sérgio, *a tia ...* teve um casal de filhos, Sônia e Sérgio, só que ele se casou botou o nome também de Sérgio e Silvia, a filha. Moram aqui também. E ele tem um filho, esse meu sobrinho, que é filho é neto da minha irmã, que mora aqui em cima também. Tem um filho, Sérgio Henrique. Faz ano amanhã, a festa é aqui na Associação, meu bisneto. Tudo me chama de bisa, mas é bisa tia. Mas fiquei no lugar da avó que morreu, aí fiquei bisa.

PL_ Você falou que eles vão fazer comunhão domingo, quem é que vai fazer comunhão domingo?

ZS_ Sérgio Henrique, oh, não, pêra aí que os nome é quasi igual, Marcos Felipe.

PL_ Que é o seu bisneto?

ZS_ Bisneto que é bisneto da minha irmã que morreu.

PL_ Bisneto da sua irmã, então é bisneto sobrinho?

ZS_ Bisneto sobrinho, é me chamam de bisa, mas é bisneto sobrinho. *Eu conto cinco porque...* ahh óh as calcinhas delas²³, essa é Vitória. Ta na casa do pai que a mãe foi trabalha, a mãe trabalha no Rio, então fica na casa do pai lá na travessa, naquela travessa da fonte lá. O pai bota na creche e apanha cinco horas. Sabe, então, a comunhão é do irmão, Marcos Felipe.

PL- Como é que foi a infância da sua filha aqui no bairro? Qual o nome dela?

ZS_ Zenaide.

PL_ Zenaide.²⁴ Como foi a infância daqui, teve muita diferença da sua infância?

ZS_ Foi um pouco diferente, mas foi boa também. Ela tinha muitas colegas aqui da Igreja, ela fazia parte da Igreja. Tinham assim um Santo, que é Santo São Tarcísio, que é o santo de criança. É um pra criança né. Então ela fazia parte dessa irmandade e era vetidinho brando, manga comprida, com a boinazinha. Então ela fazia parte, freqüentava, fez comunhão. Tudo aí, tinha aquela turma de criança daí da igreja. Estudava junto com as meninas, colégio. Ainda tem Lígia e [Alexa]²⁵ que são daí da Igreja, que também que mora na Travessa, tudo do tempo dela. Essa ainda estão ainda aí, e é assim. Fez comunhão aqui em cima, estudou aqui em baixo no José Bonifácio, no primário. Colégio aqui em baixo, enfrente aqui o bairro também. Aí depois estudou no [Taulus]²⁶, estudou foi por aqui.

PL_ Elas estudaram aonde, aqui no Bairro?

ZS_ É, não, aqui Bairro de São Lourenço. [Taulus], ali no Conto Cem Réis, o Colégio [Taulus], aqui no José Bonifácio, que é aqui em baixo. [inaudível], estudou ali. Carla Tinhola²⁷ pertence a São Lourenço. Esses colégios que ela estudou é tudo por aqui mesmo.

²³ Mostra as roupas penduradas no varal.

²⁴ A entrevistadora confirma o nome

²⁵ Palavra mais próxima do que foi possível ouvir.

²⁶ Palavra mais próxima do que foi possível ouvir.

²⁷ Palavra mais próxima do que foi possível ouvir.

Essa é a diferença da bisneta pra filha.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

PL_ Então, *isso...* eu queria pedir pra senhora falar um pouco dessa mudança de relação, com seus filhos?

ZS_ Com a minha, com os neto, com os dois da minha irmã e minha, que eu tive uma filha só. Então a minha filha quando era pequena tinha uns 3 pra 4 ano, chegava aí fora no portão dava o dinheiro a ela e falava assim:

- Vai lá em Nelson pra compra bala.

Ai ela ia até a metade, andava uns 4 passos vinha correndo e disser que tava com medo. “Tô com medo”²⁸. Tinha medo de ir sozinha lá comprar bala. A minha filha, vai fazer 52 anos. Elas com 3, com 3 anos ela não ia. Do portão ela não passava, ela ia até o portão e vinha.

_Vai, vai lá comprar bala.²⁹ Ela não ia.

Agora a bisneta, vai fazer 4 ano em março, o que, dá dinheiro a ela quando vê ela já está voltando. Com o refrigerante na mão, sozinha minha filha. Vai lá e compra e vai entrando por lá a dentro. “Eu fui só e já comprei, já comprei”³⁰ Vai sozinha. Não pode falar nada pra ela que ela conta tudo.

PL_ Mas por que a sua filha tinha medo?

ZS_ Porque a criança era medrosa. A criança não andava por ai a fora sozinha com 3 anos não. Agente tinha que dá a mão, dá a mão pra ir. Vai³¹! Não³²! Não ia, agente tinha que dar a mão pra ir com agente. Essa, agora, a bisneta, vai sozinha. Despenca por ai a fora e não tem medo, *a criança era...* entendeu? Era assim né, não é como hoje.

A moça quando fica menstruada³³ e tudo, ficava na cama.³⁴ Tem uma propaganda que teve ai, agora eu me esqueci como é que é. Que encomodava, parece que falava: parece sua avó, sei lá. Que ela ia pra cama, se lavasse a cabeça. Meu marido teve uma irmã, todo mundo que é antigo aí conheceu, que morou aqui, não sei aonde aí, por aí, lavou a cabeça,

²⁸ Dizia a filha de Dona Zenir.

²⁹ Relembra o diálogo com a filha

³⁰ Diz a bisneta

³¹ Dizia a dona Zenir

³² Dizia a filha de Dona Zenir

³³ Neste momento fala mais baixo e mais enrolado, como se estivesse disfarçando para falar.

³⁴ Volta a falar normalmente.

tava menstruada e disse que subiu pra cabeça. E isso existe?³⁵ Manga com leite né, agente tinha pavor de manga, tinha pavor. Chupava manga de noite, ou bem cedinho, num sei o que. Se tomasse uma bebida não chupava. *Então tinha*, a mudança é essa. Que hoje agente dá um dinheiro e eles já estão comprando, tão comendo. As vezes tomam remédio que não pode comer aquela fruta, ou [aquele]³⁶, já no caminho com aquilo.

PL_ Mas assim, eu queria saber assim, a relação das pessoas com o bairro, o que mudou da relação das pessoas com o bairro? Quando você era pequena, as pessoas que você notava, a relação com o bairro de um tipo, quando você já era adulta era igual, era diferente, hoje é diferente?

ZS_ Hoje é diferente, antigamente tudo era a mesma coisa. Filho meu, filho da outra, filho do outro, filho de outro. Todo mundo ia pra praça, as crianças brincavam de roda e queimado e mais num sei o que, era tudo a mesma coisa. Chegava Carnaval de tarde, vamo lá pra baixo, vamo andando por aí a fora, todo mundo ia. Agora hoje, hoje tem uma separação, que um bota tênis de cinquenta reais aí o outro bota de cem. Ai o outro fala que o filho do outro botou de cem, quer botar de cem, igual, de marca. Ai não pode botar, aí fica revoltado porque não pode botar.

Nesse meu tempo, no meu tempo não tinha. Era um apercatim, era um teniszinho mesmo barato, um ropinha comum, não tinha marca nenhuma. Se tivesse cinco filho comprava uma peça de fazenda e fazia cinco vestido igual pra cinco filha mulé. Se era homem, todo mundo igual. Cabo, cabo, o que comprava era o que se vestia. Hoje com 3 anos quer escolher ropa. Minha bisneta quer escolher ropa. (risos) Só veste a ropa que ela quer. A mudança é essa, são essas mudanças. Né, essas mudanças que as crianças agora, vai na loja e a mãe ta comprando ropa e elas não querem aquela, quer aquela mais cara. Naquele tempo não tinha conversa. Natal, na loja, vestido, manda fazer, nem comprava pronto. Costureira, cinco filha mulé, cinco, seis metros de pano, um pra cada uma, par de jarra. Todo mundo igual, ah, todo mundo igual. Saía , laço de fita na cabeça. Quem era preto era preto, quem era branco era branco. Quem era preto, cabelo duro, era duro mesmo, trancinha que hoje ta na moda. Trancinha, quem era preto, cabelo duro, trancinha. Não tinha Henê, não tinha nada de droll, nem de esticar nem nada. Era tudo natural. Isso tudo é

³⁵ Demonstra indignação

³⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

mudança né. Hoje é champoo. Não tinha nada, era sabão português, sabão [bravo]³⁷, num sei o que.

PL_Mas as pessoas se reuniam naquela época?

ZS_Se reuniam

PL_Mais que hoje e tal?

ZS_É. Era mais amigo, era vizinho mais, sabe. Era mais assim chegado, um na casa do outro. Era tudo assim.

PL_E hoje é diferente?

ZS_Ah, hoje é diferente, bem diferente. Até as moças são diferentes, sabe, as crianças, são tudo diferente, muito diferente. A mudança, muitas, das crianças. A criança ganha um brinquedo aqui em cima, caro, o que não pode comprar, quer destruir aquele. Se é bicicleta, quer panhá e destruir, se é patinete quer destruir. Eles não querem brincar, eles querem destruir porque não tem. E antigamente não, *não tinha nem* ... era botão, era peão, joga peão, peteca.

PL_As pessoas mais antigas do bairro?

ZS_Eram mais simples.³⁸

PL_As pessoas mais antigas do bairro como a senhora saem e ficam conversando ali na frente de noite? As pessoas ficam mais nas suas casas ou...?

ZS_Não, agora é mais nas casas. Missa, tem missa, aí minhas vizinhas ali, quem mora aqui antigo, ta com oitenta anos. Que vem a missa, tem um garotinha que estudou comigo, vem a missa, sei o que, sei o que. Vem da missa. Ai também agente vem conversando da missa, aí cada um oh,³⁹ cabo. Cada um nas suas casas e naquele tampo não. Agente ia pra casa uma da outra jogar dama, vispar. Vispar então agente emendava uma na outra e ficava jogando até de madrugada, nas casas. Então era mais amigas, mais coisa.

PL_Entendi.

ZS_⁴⁰Hoje não, cada um fica nas suas casa. A outra vizinha quando veio pra aqui não tinha nem nada, ela já ta com oitenta e poucos anos. A vó dela, o pessoal dela são tudo daqui. Foi ela que a avó achou, um cachãozinho com uma indiazinha. [inaudível] A pouco tempo ela

³⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁸ A dona Zenir permanece no assunto da pergunta anterior.

³⁹ Faz menção a cada um ir para as suas casas.

⁴⁰ Responde a esta pergunta em um tom mais baixo.

tava no hospital e ela não falou nada, agente vizinha, viu a menina nascer, não falou nada. Pra você veer como que é mudança. A menina dela é formada, é uma ótima menina, solteirona. Ela trabalhava na prefeitura, aposentou e continuou trabalhando. Nasceu junto com a minha filha. Aí quando ela fez quinze anos, fez os santinhos de quinze anos, aquele São João. Eu fui a missa e tudo. A menina agora fez 52 anos que ela fez, aí veio o carro do som, tudo aí. Nem falou nada. Aí quando eu vi o carro do som e fui lá espiar, aí eu vi. Deve ser o aniversário de Sandra Amaro. Fui lá, eu cheguei lá, ah num sei o que e tal. Quer dizer, num aquela comunicação. Minha filha faz quinze anos, minha filha faz cinquenta anos. Assim que nem antigamente que era. O meu filho faz um ano, aí todo mundo ia ajudar. Hoje não. A mudança mudou muito.

PL_ Pra finalizar assim, o que você acha daqui, você gosta de morar aqui?

ZS _Gosto. Gosto muito daqui. Essa convivência agora eu já não convivi. Porque os meus vizinhos aqui, cada um nas suas casa. Ninguém briga. Mas se comeu, se não comeu...⁴¹

[FINAL DA FITA 1-B]

⁴¹ A fita acabou mas ela termina falando que ninguém sabe.